ODILON NESTOR

FACULDADE DE DIREITO
DO RECIFE
Traços de sua historia

2.ª Edição

IMPRENSA INDU
78-R. Visc. de Itapé
- - - RECIFE - 193

FACULDADE DE DIREITO DO RECIFE

Traços de sua historia

ODILON NESTOR

FACULDADE DE DIREITO
DO RECIFE
Traços de sua historia

2.ª Edição

IMPRENSA INDUSTRIAL
78-R. Visc. de Itaparica-82
--- RECIFE—1930 ---

Ac. 305707
Reg. 760504700
ex. 2
378.8134
N468f
1930
CESP

SC 000064905

Universidade Federal de Pernambuco
BIBLIOTECA CENTRAL
CIDADE UNIVERSITÁRIA A
50000 - Recife - Pernambuco - Brasil
5047 | 08.8.86
3e.
I 83
I 84
I 85
I 86
76/05047 Bc
I 88
I 89
Iv. 07
Ac - 127908
Ex - 760504700

Este trabalho saiu publicado a primeira vez no livro com que o "Diario de Pernambuco" celebrou, em 1925, os seus cem annos de existencia. Mais tarde elle foi amplificado para a edição especial do "O Jornal", do Rio, commemorativa do centenario da fundação dos Cursos Juridicos no Brasil.

Elle apparece novamente — revisto e ainda com algum accrescimo — na actual publicação.

APRESENTAÇÃO

Felizmente, uma intenção e um pleito coincidiram. A Reitoria da U.F.Pe. pretendia inserir, entre as reedições de trabalhos de professores da Faculdade de Direito, o ensaio do mestre Odilon Nestor. O Conselho de Cultura, atento às próximas comemorações do sesquicentenário da Faculdade, formulou um apelo para reedição daquele trabalho. A coincidência se traduz nesse livro reeditado.

Não é livro de história, fundamentado em documentação ou pretendendo uma teoria cultural de uma instituição.

Não é crônica de minudências e registros oficiais.

É um ensaio, que fixa tradições, procurando captar um estado de espírito. A Faculdade de Direito sempre foi e é um estado de espírito. Concordo com o próprio Odilon Nestor, não seja o mesmo espírito mas é característico.

Odilon Nestor, intérprete lúcido, bom escritor, assinala, e com afeto, no que mosdetiamente chamou "pequeno ensaio", os aspectos essenciais, a "alma", da já agora, velha Academia, até uma certa época. O depois são outros tempos, mas a Faculdade ainda tem um desempenho fundamental.

É bom que nas datas marcantes apareçam estímulos. Esse trabalho até provocativo, é justamente isso. É uma oferta para que os docentes e discentes da Faculdade continuem a renová-la nos impulsos de suas tradições.

Recife, 22 de abril de 1976

Paulo Frederico do Rego Maciel
Reitor

Centenario da Academia — A memoria do Prof. Phaelante da Camara — As tradições — Uma nova Coimbra — As "republicas".

A Academia de Direito do Recife commemora o primeiro centenario de sua fundação com um monumento que não desapparecerá : a historia da Faculdade escripta por um dos seus mais illustres professores, o sr. Clovis Bevilaqua.

Um seculo não se póde dizer que seja ainda uma vida longa, entretanto a Academia viu já passar algumas gerações durante esses cem annos, ella foi testemunha de um grande numero de acontecimentos e nos póde contar muita coisa interessante. Assim, nós vamos ter na obra do nosso eminente professor uma visão de conjuncto das pessôas, dos factos e dos episodios de que se animou a vida da Faculdade nesse periodo.

Quero, no presente ensaio, fixar somente certos aspectos—ligeiros traços sobre a physionomia e o espirito da Academia em confronto com alguns institutos europeus analogos — sem pretender, porem, fazer um trabalho de historia. Não tenho essa intenção. Pouco inclinado a semelhante ordem de estudos, aqui, alem disso, me escasseiam até os elementos indispensaveis. O que faz a historia, são as memorias, tambem as indiscrições, a intriga: não sei onde encontrar os materiaes p'ra tão curiosa construcção. Das memorias historicas apresentadas pelos professores durante um certo numero de annos, e que deviam ser, no pensamento do legislador as chronicas do Instituto, muito pouco se colligiria para uma obra em que a vida deste, ou antes a sua alma collectiva pudesse ser fielmente restituida.

***

Dellas a mais expressiva, e uma das duas ou tres que não se limitaram a simples reproducções de notas obtidas na secretaria, é a de Phaelante da Camara. Este professor deu um desenvolvimento maior ao seu trabalho, orientando-o em fórma a não ser só um resumo dos factos da vida escolar, tambem um pequeno capitulo da sua psychologia; elle o temperou com o sal da tradição anecdotica e lhe impri-

miu ainda que no seu estylo apparatoso, a marca que deveria ter de synthese historica da vida intellectual do Instituto. Mesmo assim, o autor dessa memoria não a quiz excluir do numero das que, segundo a sua propria expressão, "parecem criadas no regimen dos jejuns". E, realmente, como as outras, tambem a delle nos apparece com a mesma pobreza de subsidios, que lhes é caracteristica.

***

Todavia, essas memorias mesmo deficientes são ainda assim a melhor senão a unica fonte historica que se tem a partir de 1854, época em que foram criadas. De todo o periodo anterior a começar de maio de 1828 com a installação do curso juridico no mosteiro de São Bento em Olinda, até aquelle anno, não ha outra noticia a não ser a que chegou até nós pela tradição oral, essa mesma já quasi apagada. Muito pouco haverá que nos possa esclarecer sobre esse periodo. Nem jornaes, nem livros e nem manuscriptos. Os archivos são silenciosos.

E comtudo é de suppôr tenha sido a época mais expressiva do caracter de nossa Academia. O espirito de corporação que lhe não é, como dizem, sensivel só nessa sua primeira phase — nós veremos isso mais adeante — nos

dá a razão de ser da vida universitaria em miniatura que caracteriza o periodo olindense.

***

Por alguns motivos devia surgir e medrar tambem em Olinda esse espirito de corporação, que se traduz na idéa de se associarem mestres e estudantes, de viverem e trabalharem conjunctamente, e o qual tem as suas origens nas universidades da idade média, de que as do nosso tempo não são senão filhas — "filhas legitimas" — como já foram chamadas. A continuidade historica e a sobrevivencia das tradições já seriam assim um desses motivos — o principal motivo. As tradições são os ultimos élos da ligação entre as universidades de hoje e as universidades medievaes de onde ellas são directamente oriundas. Ahi mesmo, onde nada teria existido do meio social que explica a origem e os diversos modos de existencia das universidades da idade média, certos usos, certas formalidades se vêem adoptar e manter. Outr'ora, por exemplo, os novos doutores, eram investidos com o annel, a borla e o chamado beijo de paz; fragmentos desse velho ritual persistiram nas universidades da Europa. Em Coimbra, os medicos e os doutores em direito não deixaram de receber o *osculum pacis*. Em Olinda, e tambem no

Recife, os bachareis são collados com quasi o mesmo ceremonial, o annel e o barrete ainda permanecem. Em Olinda, como em Coimbra de onde elles vieram e aonde, por sua vez, teriam chegado pela tradição dos centros universitarios da idade média, reviveram os mesmos costumes, a mesma vida escolastica, os appellidos academicos, as vaias e as passeiatas dos estudantes: Olinda, diz o barão de Penedo, semelhava a antiga Coimbra, de onde tudo haviam trazido para o nosso curso juridico os academicos brasileiros vindos da universidade p'ra terminarem ali os seus estudos. Tudo, observa elle, "menos a batina e o gorro".

***

Só essas duas peças da indumentaria coimbrã não vieram, ou não foram ali admittidas. Phaelante da Camara explica o facto pela differença do nosso clima, pelos grandes calores que exigem aqui o uso do "chapéo de abas largas e tecidos leves". Não me parece a explicação acceitavel. Em pleno verão e nos dias mais quentes do Recife, os academicos de ha 30 annos sahiam de chapéo alto e fraque ou sobrecasaca preta; era mesmo esse o traje habitual dos que tinham bôas mesadas. O traje distinctivo. Antes eu quero acreditar que teria sido receio de se confundirem com os seminaristas o

que levou os academicos em Olinda a não usarem tambem a batina. Já em 1800 quando d. José de Azeredo Coutinho installou o Seminario de Olinda, dizia-se conforme refere um chronista da época, que esse estabelecimento pelo seu programma dos estudos superiores, scientificos, *transformára aquella cidade em uma nova Coimbra*. Isso, de alguma sórte, fundamenta o meu modo de vêr. Que de rivalidades, com effeito, não haveria nessa "nova Coimbra" entre os ultimos e os primeiros detentores do espirito universitario da antiga? Essas rivalidades não são méra supposição minha, basta ler o que na sua memoria historica de 1859 dizia Aprigio Guimarães, p'ra se ter a noção da sua realidade. Ahi o douto professor já exproba "um socialismo que se discute, desassombradamente, nos corredores de São Bento; e onde os discipulos de Platão e Fenelon imaginam corrigir as leis sociaes de Deus". Certo, os academicos de Olinda — esses reformadores das leis divinas — não podiam se revestir da mesma maneira que os mantenedores das ditas leis.

***

Em Olinda — e mais tarde tambem em Recife — os estudantes faziam vida em commum, morando varios delles em uma só casa

com um criado p'rá lhes fazer as compras e preparar a comida; costume igualmente seguido outr'ora pelos estudantes francezes. Reuniam-se assim de preferencia os collegas da mesma provincia, o que não excluia como academicos a solidariedade que existia entre todos. A isso chamavam *republicas*. Não haveria ahi nessa denominação uma reminiscencia daquellas "pequenas Republicas", como eram chamados, na Renascença, os estabelecimentos universitarios da Hespanha comprehendendo as casas dos estudantes, que tambem eram privilegiadas? Como se sabe, a independencia desses estabelecimentos era absoluta. Elles gozavam de todas as immunidades, sendo uma das mais apreciadas a prohibição de fazer diligencias policiaes ou judiciaes nas habitações dos lentes e estudantes. Como em todas as universidades da Europa, a partir do seculo XII em que ellas receberam uma organização mais ou menos semelhante não só quanto aos cursos e aos estudos, mas tambem no que diz respeito a corporação de mestres e alumnos, o estudante era naquelles centros uma "potencia oppressiva, tyrannica, com a qual deviam contar os poderes publicos", diz um escriptor.

Tambem no nosso pequenino centro de Olinda sem os privilegios e as immunidades das universidades medievaes, sem jurisdição especial e sem a independencia das "pequenas Republicas", da Renascença, tão só por

força da tradição, pelos fios de ligação multisecular dessas instituições o estudante se constituiu uma força. Era na Academia que se tinha refugiado em um periodo de revoluções a opposição religiosa e politica — esta, sobretudo, que não teria talvez como orgãos senão os jornaes dos estudantes.

Ha, pois, que obter com o conhecimento do passado alguma coisa mais que a simples satisfação ao gosto do pittoresco ou das coisas antigas: com elle se tem, tanto em materia de instituições universitarias como de instituições sociaes, religiosas ou politicas, a confirmação do encadeamento historico, da persistencia das tradições ligando umas ás outras as épocas mais distantes.

O espirito de corporação em Olinda — O espirito das Universidades — A Universidade de Paris — A de Oxford — As Universidades italianas — As das pequenas cidades allemães — As Universidades hespanholas — Coimbra.

Varios outros motivos são apresentados para explicar a formação do espirito de corporação em Olinda. Attribuem-no a circumstancias locaes: uma cidade de pequena população, sem divertimentos publicos nem distracções familiares, isolada: "os estudantes, diz o barão de Penedo, tinham uma existencia a parte, e dominavam completamente a cidade a titulo de corpo academico". Nada disso, porem, quer me parecer teria influido ou, se influiu, foi de modo secundario. Sem essas causas, o espirito de corporação se teria formado da mesma maneira. E não nasceu elle, e não se formou, nas universidades da idade média, em cidades populosas e cheias de entretenimentos de to-

da a natureza? Paris era já desde o seculo XII um logar de delicias — *locus deliciorum*, na expressão de um velho chronista: cidade de perdição, de vicio, de libertinagem, habil no attrahir e seduzir as almas: a capital, como dizia outr'ora o arcebispo de Mayença, que fazia correr "nas veias dos jovens o veneno dos prazeres carnaes". E a esse tempo os pregadores se mostravam severos para os estudantes parisienses, elles, nas objurgatorias dos sermonarios, "eram já uns patusqueiros, uns frequentadores de *cabarets*, uns devassos que não escondiam antes ostentavam as suas licenciosidades, e não temiam a ninguem." "A indignação com que falam os mysticos quando se levantam contra a corrupção dos costumes, diz um escriptor, traduz-se numa crueza de expressão capaz de fazer corar os libertinos." Esta observação era ditada a proposito do cardeal Jacques de Vitry, morto em 1244. O retrato, entretanto, que esse prelado havia feito dos costumes dos estudantes da Universidade de Paris, no seculo XII, e que é tão pouco lisongeiro, parecera ainda a alguns abaixo da verdade.

Nas universidades italianas, os costumes não eram menos censuraveis nem os estudantes menos folgazões. Em Bolonha os exames eram sempre seguidos de divertimentos, que davam logar aos mais graves abusos. Tudo era pretexto p'ra se comer e sobretudo beber. As

chronicas estão cheias das mais ruidosas folganças a que se entregavam os estudantes e, não raro, tomavam parte nellas os proprios professores.

Coimbra tambem teve a sua tradição escolastica, e com ella uma intensa vida bohemia. Muitos, porém, dos seus estudantes não souberam dosar bem esses dois venenos: dahi, a dupla intoxicação — da alma e do corpo — que inutilizou a alguns delles.

***

Em Olinda, nesse tranquillo "burgo ecclesiastico", como a chamou o sr. Gilberto Freyre, a mocidade reviveu as mesmas tradições — as tradições universitarias de Coimbra — se bem que em ponto pequeno. Em ponto pequeno, e com muito menos intensidade: tambem por isso não se envenenou. O ruido das festanças amorteceu com o som dos sinos mystiços no alto das torres coloniaes; ou se diluiu ao luar das praias na voz das serenatas — tambem uma outra tradição.

Aliás aquelles excessos da vida universitaria de outr'ora eram devidos ás immunidades de que gozavam as corporações: mestres e estudantes por isso mesmo que tinham amplas regalias se julgavam no direito de tudo fazer; e nada os intimidava. Como quer que seja,

nem a vida intensa nem o exaggero de entretenimentos obstaram a que se creasse e se nutrisse nos centros mais populosos o espirito de corporação proprio das universidades.

Não é, pois, plausivel que esse espirito se haja constituido em Olinda justamente porque faltassem ahi as distracções ou porque a sua população fosse reduzida.

Ha, naturalmente, differenças a estabelecer — e notaveis entre o "esprit de corps" que póde existir nos centros universitarios das grandes cidades, como Paris, e o que reina de uma maneira inconfundivel nos das pequenas, como nas cidadesinhas de universidades allemães que formam um mundo a parte, ou como na de Oxford, que é ella mesma um espirito. Essas differenças podem ser por si o objecto de um interessante estudo, que eu não me proponho, aliás, a fazer aqui.

***

De passagem, porem, bastaria ver como a organização e o ensino dessas differentes universidades se distinguem uns dos outros e, por consequencia, como é diverso tambem o espirito que nelles influe. A Universidade de Paris, por exemplo, superior por muito tempo a todas as outras escolas da mesma ordem, e que tinha como rivaes Bolonha e Oxford, caracte-

rizou-se outr'ora pelo seu ensino da theologia. *Vade Bononiam vel Parisiis,* dizia o pae de familia aos seus filhos que emprehendiam viagem para uma ou outra dessas universidades conforme os gostos e os recursos. Para Bolonha se dirigiam os futuros juristas: Paris attraia de preferencia os theologos, os philosophos, os que eram então chamados os *artistas*.

***

Oxford poderia chamar-se uma synthese da Inglaterra. Ahi se encontram numa escala menor e com menos dignidade apparente, toda a nação official, suas qualidades, seus vicios, suas vaidades, seus preconceitos, seus abusos. Oxford tem o seu genio tradicional e quasi immutavel que, sob muitos aspectos, resume perfeitamente o genio britannico. Na constituição e nos habitos universitarios estão mais ou menos em relevo os traços essenciaes da Inglaterra, a igreja, o espirito de hierarchia a que applicamos impropriamente aqui o nome de aristocracia, os privilegios do dinheiro. O ensino ahi está hoje muito differente do que era outr'ora; a vida, o espirito são, porem, os mesmos. Em Oxford, os estudantes não apprendem nada ou apprendem bem pouca coisa do que os programmas indicam, e esses programmas dão bem a idéa do que seja o ensino alto na Ingla-

terra. Em nenhum outro paiz, ninguem teria a fantasia de os copiar ou imitar, quando mesmo uma copia fosse possivel: o que eu não acredito. Mas os estudantes de Oxford apprendem uma coisa preciosa, a vida ingleza: elles se penetram com facilidade dos principios constitutivos dessa grande existencia politica na qual elles serão alguns annos mais tarde chamados a entrar. Tudo é combinado, instituição, ensino, relações, para extinguir nelles até o germen do enthusiasmo e dos sonhos, nos quaes se accende a chamma das revoluções. Tudo os prepara a reconhecer, a manter esse conjuncto de tradições e de privilegios, de abusos e de liberdades, que os espiritos conservadores proclamam como a verdade absoluta, e que os espiritos liberaes vêem somente como uma verdade toda relativa; mas de que os mais ousados só muito timidamente tentam procurar isolar o bem e sacudir o jugo.

***

Bem differentes de Oxford são já as universidades italianas, das quaes Bolonha vem a ser o seu modelo. Aqui o caracter positivo da nação se reflecte no ensino; são as sciencias praticas, lucrativas, taes como a jurisprudencia romana e canonica, e a medicina, que sobresaem; não houve jamais na Italia uma es-

cola theologica, isto é, de escolastica e de philosophia que se podesse comparar, mesmo de longe, pela consideração e numero dos alumnos, com a universidade de Paris ou de Oxford. Tambem, nenhuma universidade italiana, apesar da sua constituição toda democratica — os estudantes formavam outr'ora uma corporação e elegiam seus superiores — chegou a gozar dessa importancia, dessa autoridade no Estado e na Igreja, que as universidades inglezas possuiram quasi em todo o tempo, e as universidades francezas de espaço a espaço. A organização das escolas italianas era menos rigorosa, mais instavel; assim — e eis ahi um symptoma curioso — a litteratura italiana a partir de Dante e durante os tres seculos que seguem sua morte se desenvolveu em grande parte fóra das universidades e em uma completa independencia.

***

Das universidades francezas, inglezas e italianas, differem essas universidades das pequenas cidades allemães que formam, como eu disse, um mundo á parte, um mundo onde reinam idéas e costumes particulares, que os estudantes ahi deixam com o classico *bonet* de côr, a espada, as botas de couro e as insignias da corporação. Essas velhas universidades

germanicas têm por assim dizer um duplo passado: suas tradições scientificas, a parte que tomaram na Reforma e na diffusão dos conhecimentos humanos; depois, ao lado, suas tradições alegres. Podem nos mostrar uma antiga sala onde tinha o seu curso um prégador da Reforma; mas hão de nos mostrar tambem os *cabarets* enfumados onde os estudantes celebravam as ceias *pleno poculo et in dulci jubilo;* hão de nos mostrar as ruas estreitas e tortuosas em que desde tempos immemoriaes ondeiam, caida a noite, os cortejos luminosos, ao som do velho canto *Gaudeamus igitur;* podemos ver os logares de recreio situados ao redor da cidade onde, como outr'ora, elles brincam ou se batem em duelo, o que é o mesmo. Em summa, a universidade tem um duplo perfil, e péde ao mesmo tempo um capitulo na historia da cultura intellectual e na historia dos costumes.

***

As universidades hespanholas criadas depois da de Salamanca apresentam pontos de semelhança com os *studium generale* da França e da Italia, mas seria erro acreditar numa copia literal. Ao contrario, o que se deve inferir dos rescriptos reaes, é que essas universidades tiveram uma organização que lhes é propria, e que não é francamente, nem a de Paris, nem

a de Bolonha. E' a bispos, é aos deões das cathedraes e aos priores dos conventos que os fundadores recorreram, quer, como São Fernando, para criar uma jurisdição universitaria, quer, como Affonso X, para confiar, em mãos seguras a gestão financeira. Ahi não se trata ainda de uma corporação de estudantes independente e autonoma — traço caracteristico das universidades italianas; e, quanto aos papas, limita-se o seu papel, na maior parte dos casos, a consagrar o que já existe, pela só vontade real ou municipal; não é o mesmo que acontece com as universidades da França, onde a Santa Sé provoca ás vezes, a criação do *studium generale* e concede cartas, como, por exemplo, em Montpellier, em Toulouse e em outras. Mas o traço, com que melhor se póde differençar as universidades hespanholas das demais universidades da Europa, é a meu ver o seu destino. Esse destino foi bem tragico — póde se dizer. Após haverem gozado de uma consideração immensa, a principio, em toda a Europa, soffreram, logo, uma quéda profunda. No seculo XVII, — ellas estão já em plena decadencia: o apparato imponente, os collegios numerosos, as prebendas consideraveis, as bibliothecas, as controversias doutoraes, isso não se acabou; mas esse corpo não tem mais alma. Discute-se ainda, como faz ver um escriptor: não se ensina mais.

***

Coimbra tem tambem a sua physionomia propria, os seus traços peculiares, que a distinguem das outras universidades européas. Faltaram-lhe desde o começo os collegios que são, póde-se dizer, a raiz mesma da arvore universitaria: isso só já seria bastante para diferencial-a, se outras dessemelhanças não existissem.

Em conclusão: todas essas instituições guardam entre si as suas diversidades caracteristicas, embóra ellas realmente se assemelhem por certos lados. Em todas o espirito de corporação é visivel, variado, entretanto, nas suas manifestações.

M. BANDEIRA

O sentimento religioso — O jornalismo academico — Lourenço Ribeiro e a Constituição — O estudo juridico na Academia de Olinda — Idealismo organico.

Não se conhece no curso juridico de Olinda, apesar de sua installação e permanencia por muitos annos no mosteiro de São Bento, nenhuma exteriorização commum de sentimento religioso, isso que irá apparecer mais tarde em sua mudança para o Recife. A fé religiosa era ali individual, não era collectiva, com o espirito de corporação não se havia ainda formado um idéal religioso unindo mestres e estudantes. Tambem, nenhuma affirmação de ordem litteraria, ou philosophica, partindo da corporação, anima esse periodo: e só depois se verá surgir igualmente no Recife um e outro desses movimentos.

Por que teria sido então isso? Tanto num caso, como noutro, para o não apparecimento

de um idéal religioso, como para a auzencia de uma expressão litteraria ou philosophica, uma dupla razão me parece teria existido. Primeiramente, a natureza do ensino ministrado no Curso Juridico. Este ensino era quasi exclusivamente pratico, diz-nos Joaquim Nabuco. "Aprendiam-se as ordenações, regras e definições de direito romano, o codigo Napoleão, a praxe, principios de philosophia do direito, por ultimo as theorias constitucionaes de Benjamin Constant, tudo sob a inspiração geral de Bentham".

Essa instrucção não era propria a fazer nascer o gosto pelos problemas transcendentes e especulativos ou ainda pelos themas de puro interesse litterario, que apaixonariam mais tarde a mocidade do Recife.

***

Depois, os estudantes de Olinda haviam muito cêdo entrado na actividade politica e na vida da imprensa, tinham-se feito jornalistas partidarios, — e as folhas em que escreviam, o "Olindense", o "Éco de Olinda", a "Vóz do Povo", a "Vóz de Beberibe", o "Velho de 1817", são uma prova disso.

O jornalismo academico tinha, nessa época, um feitio claramente politico e de timbre reaccionario: factores sociaes diversos, numa

phase de transição e de lutas internas pela causa da unidade nacional, lhe determinaram essa feição. Como diz Joaquim Nabuco, eram esses pequenos jornaes folhas exclusivamentes politicas, contendo apenas dissertações rhetoricas sobre theses constitucionaes e, ás vezes, em paragraphos soltos, verrinas condensadas. Ainda se não vislumbra ahi sequer um indicio desse talento puramente litterario que depois se tornará nos centros academicos o estalão — uma como craveira intellectual por onde se ha de medir o valor dos escriptores. E' verdade que esse genio propriamente litterario começa já a apparecer nos derradeiros annos da Academia em Olinda. No numero inicial do "Phileidemon", jornal que Alfredo de Carvalho considera o primeiro ensaio sério de jornalismo litterario em Pernambuco, e no qual escrevem, entre outros, João Lustosa Paranaguá, Fernandes da Cunha, Ferreira do Valle, Adriano José Leal, Pereira Franco, Silveira Lobo e Cesar Berredo, lê-se na introducção, assignada pelo medico maranhense e quintannista de direito, dr. Carlos Fernandes Ribeiro: "E' mister que os alumnos do Curso Juridico de Olinda contribuam quanto antes com o seu contingente tal ou qual para a gloriosa empreza do derramamento das luzes pelo nosso paiz e promoção da sua civilização, unica base inabalavel do seu futuro engrandecimento." E o primeiro numero do "Polyma-

thico" redigido por Jeronymo Cabral, A. N. de Almeida Castro, M. C. Carneiro da Cunha, Ivo Miguelino, A. R. Torres Bandeira e Francisco José Rabello, promette no seu programma fornecer aos leitores — "ao par das noções e doutrinas scientificas, noções e doutrinas sobre a litteratura e as bellas artes".

Mas não é senão com a mudança da Academia p'ra o Recife, que vão surgir desse incipiente espirito litterario as expressões mais vivas.

Não recebendo nas aulas do Curso Juridico nenhuma tentação p'ra se perder em abstracções, e não lhe permittindo a arena ardente da imprensa o socego p'ra leitura dos autores theoricos, como esperar do corpo discente um movimento dessa natureza? Quem poderia meditar ou sonhar no meio da polemica febril do jornalismo, cujas lutas quotidianas attraiam tão poderosamente os jovens estreiantes?

Joaquim Nabuco resalta a feição pratica do ensino de Olinda, o seu caracter muito pouco scientifico, para poder affirmar que: "a pleiade saida nos primeiros annos dos novos cursos juridicos não aprendeu nelles, mas por si mesma, o que mais tarde mostrou saber". Essa pleiade era a de que fizera parte Nabuco de Araujo, e a que pertenceram, entre outros, Euzebio, Ferraz, Souza Franco, Sinimbú, Carvalho Moreira, Zacharias, Wanderley, Sergio

Teixeira de Macedo, essa a primeira geração politica que deu ao paiz legisladores e homens de governo; mas a em que o autor de "Um Estadista do Imperio" se recusa a ver, na sua formação mental, a influencia da velha escola. Entretanto, era o estudo academico daquelle tempo, como dizia o barão de Penedo, um estudo sério e proveitoso. Figuravam "com grande brilho" no corpo docente os doutores Pedro Autran e Moura Magalhães. Mais tarde entraria para o seu seio Paula Baptista, já filho da mesma Academia.

***

Leccionava com muito bom senso o Direito Publico, explicando a Constituição politica do Imperio, o conselheiro Lourenço José Ribeiro. Elle havia sido, como director interino, o inaugurador do Curso Juridico no mosteiro de São Bento. Suas prelecções eram publicadas nos jornaes: todo o mundo as lia. Ellas tiveram uma vasta repercussão, produzindo o melhor effeito no meio e num momento de agitações partidarias as mais intensas. "Concorreram, diz Pereira da Costa, para acalmar os animos exaltados dos partidos porquanto a Constituição era olhada com horror não só pelos absolutistas ou *corcundas*, como pelos proprios liberaes, democraticos, republicanos. Os pri-

meiros receiavam que pelas suas demasiadas franquias politicas viesse a degenerar em um governo republicano; e os segundos a detestavam, por causa do poder moderador, que consideravam hostil ás liberdades publicas, um despotismo encoberto, mascarado."

Mas os opportunos commentarios do antigo lente a nossa primeira Carta Politica tiveram ainda uma efficiencia muito maior. Ao influxo das suas lições formou-se o partido constitucional, que conseguiu vencer todas as difficuldades politicas do tempo e evitar, por esta maneira, o fraccionamento da nossa nacionalidade.

***

O estudo juridico professado na Academia de Olinda não era de modo nenhum especulativo, elle não era tão pouco indifferente á vida nacional — assim o vimos.

Ruy Barbosa, falando na Academia de S. Paulo, disse uma vez que o direito nunca se regulou ahi em textos estereis e mortos, e que o tirocinio escolar, naquella cidade, sempre se animou ardentemente do espirito de luta, de civilismo e de reacção liberal.

Da escola de Olinda — "a perola do Norte, não desluzida jamais do seu oriente", na phrase do nosso grande orador — nós pode-

riamos aqui dizer a mesma coisa. Tambem o nosso magisterio, incumbido de diffundir a cultura juridica de onde resulta a formação dos sentimentos de maior relevancia para a vida social, não deixou de exercer e com igual influencia ainda que em espaço menos amplo — a sua elevada missão.

Foram, a meu vêr, o ensino de Olinda depurado de exaggeros doutrinarios e a escola preliminar de politica partidaria dos estudantes academicos, que prepararam para os triumphos da carreira publica uma grande parte da mocidade mais intelligente daquella época. A geração anterior vinda de Coimbra era toda ella composta de ideologos—de utopistas diria melhor — e a seguinte, sel-o-ia da mesma maneira. A que se formou em Olinda nos primeiros annos do curso deu para a vida pratica muito maior numero de homens notaveis que aquella que fez mais tarde no paiz uma revolução nas idéas e no pensamento. Assim, os theoricos, os revolucionarios, os idealistas appareceram depois. A geração a que me refiro se não se mostrou inteiramente extreme de algumas utopias, que teria porventura apprendido, apprendeu pelo menos, tambem a desdenhar dellas, e a condescender e capitular com a realidade. Por isso ella não se perdeu no sonho; não foram os seus representantes jamais esses "idealistas utopicos" de que fala

em um interessante estudo o sr. Oliveira Vianna.

***

Aliás, neste escriptor mesmo, para quem a geração que succedeu á primeira da independencia e agiu nos iniciaes decennios do 2.° Imperio teria herdado o mesmo idealismo "utopico" da antecessora, eu encontraria o melhor apoio ao meu pensamento nas restricções que elle proprio faz e que são quasi que annullatorias da sua opinião. Assim, diz o sr. Oliveira Vianna no seu estudo — "Idealismo na evolução politica do Imperio e da Republica":

"O seu programma (o programma do partido progressista de 62), era um programma moderado. Inspiram-no homens da estatura de Zacharias, Theophilo Ottoni e o futuro Rio Branco. Não queriam a descentralização politica, embora pleiteassem a descentralização administrativa no que se mostravam prudentes e sensatissimos." Mais adeante :

"Ao problema da organização das liberdades davam-lhe uma solução racional, mais ou menos inspirada na experiencia, propunham uma organização judiciaria, em que uma magistratura independente e assegurada na sua autonomia dizia do direito, fóra das suggestões do faccionismo. Propunham mais: a separação da magistratura e da policia, que a lei

necessaria, mais violenta, de 3 de dezembro de 41 havia lamentavelmente confundido." E conclue deste modo:

"Como se vê, utopistas quanto ao problema da organização administrativa, quanto ao da soberania do parlamento, os progressistas no tocante á organização das liberdades civis, se mostravam perfeitamente razoaveis, objectivistas, praticos — e o seu idealismo neste ponto offerece os caracteristicos de idealismo organico." E o "idealismo organico" é para esse eminente sociologo o que é para Ingenieros o "idealismo fundado na experiencia" isto é, uma como antevisão da realidade futura — o idealismo que representa, como observa Julio Endara, citado pelo snr. Oliveira Vianna, "uma força moral inspirada no desejo de melhorar o real e não uma uma simples doutrina metaphysica abstracta."

Não podiam ser idealistas "utopicos" aquelles estadistas, saidos da geração dos primeiros annos de Olinda, que conceberam, pelo espirito de Nabuco de Araujo, idéas tão praticas e tão em harmonia com a nossa realidade como as que ficaram emfim crystallizadas na Reforma Judiciaria de 71. E a proposito disso escreve o sr. Oliveira Vianna, no seu alludido trabalho: "O facto desta reforma liberal ser realizada por um gabinete conservador (o gabinete Rio Branco) é mais uma prova de que os progressistas de 62 e radicaes de 68,

neste ponto, não praticavam o idealismo utopico mas, sim, um sadio idealismo organico."

Tambem não sei se terá inteiramente razão o sr. Oliveira Vianna nos dois unicos pontos, a que elle circumscreveu a critica de seu "idealismo utopico" referente aos nossos homens publicos e a descentralização administrativa. Quanto a esta ultima é o proprio sr. Oliveira Vianna que nos diz na sua obra — "Evolução do povo brasileiro", — "que ella não era só uma pura fórmula theorica ou um sonho de visionario, mas tambem era a expressão de um "estado de alma nacional" irrecusavel."

"Ha muita suggestão doutrinaria e exotica nesse appello á descentralização, escreve o sr. Oliveira Vianna. Ha, porém, nelle um innegavel fundamento nacional. Dá-se aqui uma coincidencia entre as theorias politicas e a nossa realidade americana. Os descentralizadores — federalistas, municipalistas, liberaes emfim — não são apenas theoristas ou sonhadores: elles exprimem tambem um estado de alma nacional. Os principios de philosophia politica, com que justificam a descentralização, o federalismo, o *self-government*, colorem ambições mais intimamente radicadas á terra e ao povo: são uma demonstração doutrinaria de um estado moral que tem suas origens nas realidades do proprio meio."

Tudo isso está dito magnificamente, é certo; mas é uma outra restricção — e das mais

consideraveis — que o autor faz ainda á sua these.

Não sei como chamar utopico a um espirito como o de Euzebio de Queiroz: espirito conservador, energico, conhecedor de homens e lidando unicamente com factos: — elle foi a antithese, justamente, dos que lidam só com idéas ou não conhecem o mundo real.

Fantasista não sei como seria o barão de Penedo, um dos autores e o redactor unico desse Regulamento 737, ainda hoje a mais perfeita e tambem a mais pratica de nossas leis.

Ideologo não podia ser o barão de Cotegipe, talento que se fez fóra dos livros, inimigo nato da erudição, politico para quem só a experiencia e o exito mereciam estima; que não fazia caso de idéas puras, e sabia vencer sempre em si o instincto do reformista. Sinimbú era a negação mesma do puro idealista: nunca foi homem de estudos nem de gabinete; preoccupavam-no sobretudo os problemas relativos ao desenvolvimento material do paiz.

Quem póde negar ao barão de Uruguayana — o inspirador da politica financeira de 1860 e o incansavel ministro da Guerra na guerra do Paraguay — as qualidades de um homem de governo pratico e previdente?

De Zacharias de Góes creio não ha quem ignore que elle era um frio temperamento de politico partidario, indifferente a idéas, insen-

sivel, uma intelligencia aguda e culta, mas sem imaginação: um espirito de combatente opposto ao de sonhador.

Idealista theorico, "utopico", não foi pois, nenhum desses homens publicos que se formaram em Olinda na phase inicial do seu Curso. Delles, uns, como Nabuco de Araujo, teriam sido idealistas positivos, praticos ou "organicos" na expressão do sr. Oliveira Vianna; outros exclusivamente objectivistas, mas todos homens da realidade.

Os puros idealistas — Feição religiosa — A "Tugentbund" pernambucana — A Escola do Recife — Funcções theatraes — Serenatas ao luar.

A geração dos puros idealistas viria muito depois: — essa geração de idealistas litterarios antes que politicos — e da qual foram as principaes figuras Castro Alves, Tobias, Palhares, Sylvio Romero, Araripe Junior, Franklin Tavora, alem de outros.

Antes disso, porem, antes dessa agitação puramente litteraria a Academia, ao installar-se no Recife, tomou uma feição claramente religiosa, não tanto no ensino, como na parte que tomavam nas ceremonias do culto catholico lentes e estudantes, o que, como acima notamos, não se tinha produzido durante a sua permanencia em Olinda. Os estudantes, tendo fundado a Irmandade de Nossa Senhora do Bom Conselho — a padroeira da Academia —

fizeram, como refere Pereira da Costa, a trasladação da imagem da Igreja do Hospicio da Penha para a do Convento de S. Francisco, em procissão "solemne e pomposa", a ella tendo assistido os lentes, o director e o bispo da Diocese. Pairava no ar o espirito de religião: todos como que estavam delle mais ou menos impregnados. Escrevia o dr. Braz Florentino a sua proposição contra o casamento civil: e o velho conselheiro Autran ia ajudar a missa, vestido de casaca e trazendo ao pescoço uma larga fita escarlate com a effigie da padroeira, insignias da confraria academica.

Difficil seria explicar, talvez, o apparecimento desse mysticismo na geração nova da Academia, sem admittir a influencia lenta, subtil, irresistivel, do meio onde se formaram e viveram varios decennios as gerações anteriores. A alma tradicional de Coimbra revivescida ao sopro espiritualista da vida olindense, seria assim a força mysteriosa que fazia ainda irromper fóra do seu ambiente as idéas nelle nutridas.

Como quer que seja, essa demonstração de um só ideal religioso impulsionando ao mesmo tempo alumnos e mestres, é uma prova, a meu vêr, — e não a unica — de que o espirito de corporação não havia de todo desapparecido, nem começara mesmo a declinar, com a mudança da Academia para Recife.

Neste ponto, ainda, eu estarei em diver-

gencia com a opinião geral: mas dou as razões porque della divirjo.

Não só por essa manifestação collectiva de um mesmo sentimento religioso, tambem pelo enthusiasmo civico em que estudantes e lentes se acharam identificados ao tempo da guerra, tem-se a certeza de que não estava ainda amortecido na Academia do Recife aquelle espirito de corporação que animara o Curso de Olinda. Era, nessa época — tão cheia de vibrações patrioticas que o dr. Trigo de Loureiro se apresentava ao governo a frente dos seus discipulos vestindo a farda de voluntario da patria e disposto a ir bater-se por ella nos charcos do Paraguay.

***

Nesse mesmo tempo organizavam os estudantes uma sociedade patriotica, secreta, a *Tugentbund* — imitação das *Tugentbunde* (associações de virtude), fundadas pelos estudantes das universidades allemãs, por occasião das guerras napoleonicas. Como se sabe, não eram só os estudantes, tambem os professores das universidades teutonicas, que se alistavam nas fileiras dos combatentes, e partiam para a refrega, recitando as canções de Arndt, de Koerner ou de Schenkendorf.

A Academia do Recife foi uma das pri-

meiras a chamar ás armas para a desafronta da honra nacional ultrajada. Como Kieser na famosa universidade de Iena, aqui o nosso antigo professor de direito civil entrava tambem na lista dos voluntarios e se lançava com os seus discipulos na onda do enthusiasmo geral, entoando igualmente os cantos dos nossos poetas. Castro Alves declamava entre os mais vivos applausos, no Theatro Santa Isabel, o seu vibrante hymno aos academicos voluntarios, e do qual, só alguns versos, que ficaram na memoria do seu amigo e tambem poeta Regueira Costa, nos são hoje conhecidos.

A *Tugentbund* pernambucana tinha um curioso ceremonial tomado ao rito maçonico e um tanto cabalistico, mas, ao mesmo tempo, desanuviado por algumas expressões ditas em um latim macarronico, que lhe davam muita graça.

Transcrevo aqui esse engraçado ceremonial, tirando-o de um artigo de Phaelante da Camara, publicado na "Cultura Academica" em Agosto de 1906, e no qual elle diz dever á gentileza do dr. Braz Florentino Henriques de Souza o conhecimento do mesmo :

"No momento em que o irmão *Terrivel* dava tres pancadinhas cabalisticas na porta de entrada, o irmão *Grancophta*, com os seus

altos poderes de veneravel, perguntava do interior :

—Quem bate á porta do templo?

Então representava-se a seguinte scena do estylo:

Terrivel — E' um caminheiro perdido nos vastos desertos da vida que procura um oásis verdejante, onde se encontre a benefica fonte da sciencia e da liberdade.

Todos — Profanação!... (Dobra-se o sino e dão as tres pancadas na mesa.)

Grancophta — Quem o conduz?

Terrivel — O irmão Terrivel.

Grancophta — E se elle fôr um traidor?

Terrivel — Eu responderei por elle.

Grancophta — Entrae. (O neophito é introduzido na sala.)

Grancophta — Quem és?

Neophito — Um viajante.

Grancophta — Como te chamas?

Neophito — Homem.

Grancophta — E' o nome dado por Deus. Qual o que te foi dado pelos homens?

Neophito — (Diz o nome.)

Grancophta — D'onde vens?

Neophito — Do paiz das trevas.

Grancophta — Que deixaste?

Neophito — O erro e a mentira.

Grancophta — E para onde vaes?

Neophito — Para o paiz da luz.

Grancophta — Que procuras?

Neophito — A verdade.

Grancophta — Achas-te com força de lutar em sua procura?

Neophito — Experimenta. Faze as provas que quizeres.

Grancophta — Amas a virtude?

Neophito — Como amo ao proprio Deus.

Grancophta — Pois bem. Prova da taça da virtude e possa o seu nectar embriagar tua alma e teu coração. (O neophito prova então da taça da virtude, que é um *punch* saboroso.)

Grancophta — Odeias o vicio?

Neophito — Como odeio a Satanaz.

Grancophta — Prova da taça do vicio e possa o sabor livrar-te dos seus perfidos venenos... (O neophito prova então da taça do vicio que tem o amargo da quassia e a acidez do vinagre.)

Grancophta — Queres pertencer á *Tugentbund?*

Neophito — Quero.

Grancophta — Não temes?

Neophito — Só se teme o mal e a *Tugentbund* é o bem.

Todos — (Depois de tres pancadas symbolicas na mesa:) Alpha! Omega!

Grancophta — Sabes que, ao entrares no recinto d'este augusto templo, fazes tacitamen-

te a renuncia do teu *eu* e da tua liberdade em nosso proveito e segurança?

Neophito — Sei.

Grancophta — Sabes a que te obrigas?

Neophito — Não.

Grancophta — E tens a coragem de te entregares assim em nossas mãos, ignorando os nossos fins e os nossos meios?

Neophito — Tenho.

Grancophta — E obedecerás cegamente aos mandados do teu chefe?

Neophito — Cegamente.

Grancophta — Se o veneravel *Grancophta* te ordenar a pratica de acção contraria ás leis do teu paiz e contra a moral da tua religião, que farás?

Neophito — Obedecerei cegamente.

Grancophta — E's valoroso!

Todos — Alpha! Omega!

Grancophta — Se eu te ordenar a desobediencia a teus paes? Se eu te ordenar que craves um punhal da *Tugentbund* no coração do teu amigo, dos teus irmãos e mesmo de teus paes, que farás tu?

(O neophito responderia o que quizesse. Se fosse negativamente, o Mestre, depois de todos bradarem *alpha-omega!* far-lhe-ia um elogio, e se respondesse affirmativamente, todos protestariam aos sons das martelladas e dos sinos, tres vezes.)

Todos — Profanação! Profanação!

Grancophta — Miseravel, pois tu és capaz de renunciar os sentimentos justos e honestos que bebeste em tua infancia no seio materno para obter o triumpho precario de uma causa mais precaria?...

Neophito — Perdão, Veneravel! eu não sabia o que dizia.

Grancophta — Então não tens o uso da razão, és um desassisado e a *Tugentbund* não precisa de doidos.

Todos — Oh! Alpha-omega!

Terrivel — Veneravel Grancophta, ás vezes o medo se apodera do homem, e a razão vacillante se desvaira: — perdoae-lhe, Senhor!

Todos — (depois de tres pancadas:) Perdoae-lhe, Senhor!

Grancophta — Estás arrependido F... do que disseste ainda ha pouco?

Neophito — Sinceramente.

Grancophta — Pois bem! Em nome de Deus, em nome da Patria e em nome da Liberdade, eu te perdôo.

Todos — Alpha-omega!

Grancophta — Mortal, medita. (Levam o neophito para o quarto da meditação, onde o deixam estar pelo espaço que quizerem: depois da meditação o neophito volta á sala e começa de novo o ceremonial.)

Todos — Alpha-omega!

Grancophta — Meditaste?

Neophito — Meditei.

Grancophta — Dize o resultado de tua meditação.

Neophito — (Diz sobre o que meditou.)

Grancophta — Queres pertencer á *Tugentbund?*

Neophito — Quero.

Grancophta — *Fratres, vultis Neophitum sicut fratrem?*

Todos — *Volumus.*

Grancophta — Pois bem! vem prestar o juramento. (Vem o neophito, põe a mão sobre um livro qualquer e, ajoelhando-se, começa a repetir o juramento.)

Grancophta — *Ego* (o nome do neophito) *juro manum super libero venerabilem secretum tacitum premere, executare et facere executare omnia quoecumque mandaverit magnus noster venerabile Grancophta. Ita spero.*

Terrivel — (repicando os sinos.) — *Habemus fratrem.*

Todos — (alegremente) — Alpha-omega!

Grancophta — Tira o teu nome (o neophito tira o nome de uma urna, e dá ao Grancophta que, depois de lhe bater tres vezes no hombro, proclama o nome de guerra e diz):

—Armo-te cavalheiro da *Tugentbund*, e faço-te defensor dos tres principios: Deus, Patria e Liberdade.

Todos — (alegremente) — Alpha-omega!

Grancophta — *Aportate janellam*. (O orador pede a palavra.)

Orador — Veneravel Grancophta, dae-me o ouro da lingua de S. Chrisostomo e chamae o Espirito Santo sobre a minha cabeça.

Grancophta — (abençoando) — Fala.

Orador — (Dá tres pancadas com um martello na mesa antes de começar e ao depois faz o discurso do estylo.)

Grancophta — *Commencez la danse a la ronde*. (Terminada a dança, o Grancophta desce de seu throno, e, entregando a vara ao orador, abraça o neophito, o que todos os outros igualmente fazem.)

Grancophta — *Fiat lux; tirate vendam*. (Trazem a luz e tiram as vendas.)"

A influencia que exerceu esta sociedade, sobretudo no começo, foi grande: della partiu a idéa do corpo academico se alinhar ao lado dos defensores da patria. Foram seus fundadores Carneiro Villela, José Hygino, Gonçalves Ferreira, Domingos Pinto e Feliciano Pontual. A *Tugentbund* tinha como orgão na imprensa a "Illustração Academica", periodico que durou pouco. Figuravam como principaes associados, entre outros, Amorim Garcia, Braz Florentino, Fiel Grangeiro, Gonçalo Faro e Sancho Pimentel. Para o fim a sua feição

era já menos guerreira que litteraria; centro de oradores e poetas vagamundos que "discursavam e faziam versos a proposito de tudo e mesmo sem proposito", como diz Phaelante.

***

E ainda um signal de sobrevivencia do espirito de corporação da Academia do Recife, é aquelle movimento litterario que apaixonou sobretudo os estudantes, mas em que tomaram parte alguns professores, ao tempo da poesia condoreira, vem a ser de 64 a 70; — o periodo brilhante da nossa Academia e o de mais expressiva idealidade.

A geração de academicos desse tempo, essa, sim, era toda ella de idealistas. Não eram politicos, como eu disse, os que nella se sobresairam eram apenas litteratos: poetas, criticos, romancistas. Dessa geração saira Tobias Barreto; mais tarde, em 82, elle seria nomeado lente, e se tornaria o arauto das "novas idéas".

Mas, é preciso não confundir este periodo de Tobias já professor, em que o movimento intellectual que nelle se opera é mais, por assim dizer, philosophico, — o do germanismo na Faculdade — com aquelle outro de que trato agora e em que o movimento é puramente litterario — o mais bello periodo ao meu en-

tender de toda a historia da Academia. Tobias e Castro Alves fundam ainda estudantes a escola condoreira; é a phase da poesia nova, a um tempo impregnada de emoção lyrica e sopro patriotico. Recife é nessa época uma cidade de intensa vibração intellectual, e a Academia o maior centro irradiador de espiritualidade em todo o paiz. Revistas e jornaes exclusivamente litterarios ahi circulam; publicam-se livros de poesias e de critica; levantam-se discussões sobre litteratura; as livrarias expõem as obras dos melhores autores classicos e romanticos; a vida social recebe com esse desabrochar de intelligencia um brilho novo.

Esse periodo exclusivamente litterario de que aqui falo, foi immediatamente precedido pela phase passageira dos oradores bombasticos, dos palradores de que Phaelante diz na sua "Memoria Historica", que "enramavam o espirito com filigranas confiando muito menos no vigor da sciencia do que nos effeitos decorativos da phrase ou nos fogos de artificio da rhetorica".

Durante esse curto tempo de transição apparecem e desapparecem varios jornaes academicos puramente litterarios redigidos por professores e estudantes dos mais distinctos da época. E' o "Athenen Pernambucano", orgão da sociedade scientifico-litteraria do mesmo nome fundada em 55, por diversos

alumnos da Academia sob a presidencia do lente Joaquim Villela de Castro Tavares; este jornal tem a collaboração dos estudantes Henrique Pereira de Lucena, Francisco de Carvalho Soares Brandão, Franklin Tavora, Theodoreto de Faria Souto, e de alguns mais. E' o "Academico do Norte", redigido por Jacintho Pereira do Rego, João Coimbra, Pergentino Galvão e outros. E' o "Onze de Agosto", de cuja redacção fazem parte Tavares Belfort e Borges Carneiro. E' o "Arauto Litterario"; é o "Preludio Academico"; é o "Iris Academico", de Aristides Lobo com a collaboração de A. R. de Torres Bandeira; e, finalmente, o "Lidador Academico", redigido, sob a direcção do lente Tarquinio Braulio de Souza Amarantho, por Catão Guerreiro de Castro, G. Guennes da Silva Mello, Firmino Soares e outros academicos.

Neste ultimo jornal publicou Castro Alves a sua celebre poesia "O Seculo", recitada pela primeira vez, em a noite de 10 de agosto de 65, no salão de honra da Faculdade, que estava então installada no velho casarão da rua do Hospicio. Cerca de dois annos depois, o autor das "Espumas Fluctuantes" lia no theatro Santa Isabel perante a companhia do actor Coimbra e com a assistencia de um auditorio escolhido, onde se viam Soares de Azevedo, Torres Bandeira, Aprigio Guimarães e outros litteratos, o seu famoso drama *Gonzaga*, o qual

BIBLIOTECA CENTRAL

havia sido escripto no nosso poetico e tranquillo arrabalde do Barro, durante as férias de 66, em que elle ali residiu. "Habitava uma casinha, conta Regueira Costa, situada em ponto pittoresco e onde podia expandir a sua imaginação como effectivamente o fez, inspirando-se naquella natureza pujante de vida a offerecer-lhe os mais variados quadros para a composição do seu drama. Assim foi que, segundo me dizia, o esplendido cannavial de um engenho proximo lhe forneceu as tintas para a bellissima descripção da scena 3.ª, acto 1.º, do *Gonzaga*."

A esse tempo, já o admiravel surto intellectual, que na historia das lettras brasileiras recebeu a denominação de — Escola do Recife, havia chegado á sua maior altura.

Com a publicação do — "O Futuro", periodico litterario redigido por Castro Alves, Maciel Pinheiro, Aristides Milton e Alves de Carvalho e do jornal tambem literario "O Academico", de Tobias Barreto, Jansen Ferreira Junior, Casimiro Borges e outros, fechava-se, como diz Alfredo de Carvalho, o ciclo do velho romantismo: já não mostravam os seus ultimos representantes o mesmo enthusiasmo febril dos antigos certamens. "O Futuro", escreve o autor dos "Annaes da Imprensa Pernambucana", foi o primeiro periodico que concretizou nitidamente os

esforços tendentes a nacionalizar entre nós o pantheismo amplissimo e a linguagem vigorosa e esplendente de Victor Hugo; nas suas columnas tiveram primeira edição varias das mais applaudidas poesias de Castro Alves e nos artigos em prosa dominava o estylo mataphorico, sobrecarregado de imagens audaciosas, estylo cujas qualidades foram mais tarde exaggeradas até o absurdo e o ridiculo."

Recife tem, assim, a gloria de haver servido de centro ao movimento intellectual dessa época, e com isso se elevou a uma altura tal como nenhuma outra cidade brasileira em nenhum outro tempo. Certo, é um quadro admiravel e um contraste muito sensivel vêr irromper desse fóco tão tranquillo e modesto uma luz tão intensa; e seria instructivo assistir pelo pensamento ou na lembrança a essas revoluções do espirito, obra de alguns jovens em quem o fulgor da idade iguala a inspiração e o genio. E' verdade tambem que o pouco de extensão mesmo do logar, favorecendo assim e especializando essa centralização ideal, tornava mais facil em seguida a expansão e o desenvolvimento daquellas bellas criações.

Com a rivalidade que não tardou a se produzir entre os dois chefes da escola condoreira, a agitação intellectual fez-se ainda maior. Surgiram os partidos: e os partidarios de um ou de outro lado tinham o mesmo enthusias-

mo, a mesma exaltação. Era o momento em que no theatro Santa Isabel, Tobias e Castro Alves, como dois repentistas num original encontro, improvisam as odes candentes com que se batiam, pondo em uma só vibração toda a platéa. Era uma especie de desafio, ou melhor, de duello poetico, substituindo cavalheirosamente a esgrima ou a luta romana.

Em tempo nenhum os estudantes da nossa Academia mostraram gosto pelos exercicios do corpo: isso já havia sido observado por Joaquim Nabuco, quando se referia ás distracções em Olinda que não passavam de palestras, de passeios ao Recife, das festas populares, das estudantadas nocturnas e de funcções theatraes. Quanto a estas, eram os proprios academicos que faziam ali as representações: e o barão de Penedo recorda a propósito como Nabuco de Araujo desempenhava tão bem o seu papel de major Francal no *Desertor Francez*, "drama muito apreciado naquelles tempos".

Elle iria depois receber outras palmas á luz de uma nova ribalta — a da politica de que foi uma das nossas mais salientes personagens no palco do segundo reinado.

Durante cerca de dois decennios Olinda teve o seu theatro academico que funccionava numa rua parallela a de São Bento, com um scenario regular e um numero sufficiente de cadeiras na platéa e nos balcões. Nelle se le-

vou á scena, em 11 de agosto de 46, o "Elogio Dramatico" escripto por Antonio Rangel de Torres Bandeira — peça allusiva á criação dos Cursos Juridicos. Varios outros dramas — alguns mesmo muito difficeis — chegaram a ter ahi, segundo o testemunho de um espectador desse tempo, uma correcta interpretação. Eram principaes actores os academicos Buarque de Nazareth, Nunes Gonçalves, Aguello Ribeiro, Ferreira Franco, Souza Reis, Sebastião Braga e Fernando da Cunha que seria mais tarde um dos nossos grandes oradores na tribuna parlamentar.

Transferidos para o Recife, os academicos trocaram a scena pela platéa; mas ainda ahi, em seus certamens poeticos, elles buscavam conquistar não só o amor das actrizes, como tambem os applausos dos outros espectadores. Alguns delles, como Alfredo Pinto e Annibal Falcão, se tornaram autores theatraes; mas as suas obras dramaticas ou não chegaram a ser representadas, ou o foram por estranhos á Academia, havendo o theatrinho academico desapparecido. Todavia, os estudantes do Recife não deixaram de tomar parte em algumas representações theatraes, impellidos por motivos de caridade. Em 78, refere Phaelante, os academicos Pepes de Vasconcellos e Moncorvo figuraram na representação, no theatro Santa Isabel, de um drama extraido dos "Miseraveis" de Victor Hu-

go. Seis annos depois, um grupo de academicos abolicionistas levava á scena, no mesmo theatro, em beneficio da sociedade *Ave Libertos*, o drama de Castro Alves *Gonzaga ou a Revolução de Minas;* eram elles Cyridião Durval, Pedro Vergne, Cardoso de Castro, Adalberto Guimarães e ainda outros.

Não me lembro, no meu tempo da Academia, de um só espectaculo em que os estudantes representassem. Recordo-me de algumas festas theatraes que os academicos offereciam a artistas de companhias dramaticas ou lyricas, quando faziam aqui as suas digressões. Em 94, no theatro Santa Isabel, a mocidade realizou um bello festival em honra da grande artista lyrica Luiza Fons, offertando-lhe em scena uma corôa poetica: era o numero unico de um jornal que tinha o nome mesmo da actriz festejada. O jornal "Luiza Fons" era todo composto de pequenas producções em verso assignadas por Tito Rosas, França Pereira, Odilon Nestor e outros academicos.

Tambem as estudantadas tradicionaes foram pouco a pouco desapparecendo desde que a Academia mudou para o Recife. Ellas não eram em Olinda senão uma copia já muito esmaecida das ruidosas mascaradas medievaes a que os estudantes de Coimbra appellidavam de *soiças* e com ellas se divertiram ainda largos annos na sua encantadora cidade. Vestidos nos seus trajes escolares, as espadas pen-

dentes do cinturão e pequenas mascaras presas ao rosto, os rapazes da lendaria universidade do Mondego, caminhavam segundo rezam as chronicas, de um a um pelas ruas estreitas, ou se movendo em espiraes pelas praças, á luz dos archotes e ao som das violas, dos pandeiros e das guitarras, uns escarranchados em burricos, agitando outros lanças ou ostentando enormes capacetes de barro.

As noitadas jubilosas dos nossos primeiros academicos em Olinda não se pareciam nada com isso. Não tiveram jámais essa animação carnavalesca das *soiças* e a sua alegria mesma era já bastante differente. Não se mostravam tão estrepitantemente cheias de vida. Seriam talvez menos alegres, ellas eram, certamente, mais impregnadas de poesia.

***

Os estudantes olindenses faziam as suas serenatas ao luar, cantando modinhas ao som dos violões e das flautas, pelas praias brancas, ou pelas ruas ladeirentas e ao longo dos muros altos da velha cidade, cheios de sombra e de luz. Ou, em outras noites, elles celebravam num convivio familiar, entre as expansões de um contentamento discreto, as suas festas tradicionaes que se prolongavam até o amanhecer.

Numa noite de brincadeira mais animada é que elles teriam talvez feito o furto de que os nossos avós guardavam a memoria e que nos ficou assim conhecido. O caso fôra este: contigua a uma *republica* de estudantes havia ali uma casa em cujo quintal murado se tinha posto um carneiro a engordar. Os estudantes residentes na *republica* tiveram a idéa de furtal-o e a puzeram em pratica, usando de um astucioso ardil. Assim contaram ao dono da casa que um de seus companheiros, estando embriagado e tentando, completamente despido, saltar por cima de um muro, havia caido para dentro do quintal e se achava ali estendido.

Pediam-lhe permissão para o retirar de fórma que elle não fosse visto naquelle estado. Dada a licença pretendida, os estudantes foram ao quintal, agarraram o carneiro e o meteram, as patas amarradas, dentro de uma rêde que fecharam com toda a cautela. De volta, ao passarem pela sala, como o carneiro ouvisse a voz do seu dono, soltou um balido. E o bom homem, num tom entre de ironia e de pena: — Como vae essa alminha que até parece um carneiro a berrar!

M. BANDEIRA

Ausencia de cultura physica — Disciplina sem regra — Paula Baptista e Aprigio Guimarães.

Não só em Olinda, tambem no Recife, disse eu, os estudantes nunca tiveram paixão pelos exercicios do corpo.

O contrario disso, é o que se observa com relação a cultura physica nas Faculdades da Europa. Nas universidades da Allemanha, por exemplo, como em todos os estabelecimentos de instrucção publica desse paiz, a saude e o desenvolvimento physico são o objecto de uma especial vigilancia. Os exercicios corporaes são tidos em grande conta. Chegados á universidade os estudantes apprendem, como se sabe, a manejar o florete. O uso dos duellos se conservou entre elles; uso tolerado e regulado mesmo pelos governos. Esses duellos geralmente são pouco serios; mas, a consideral-os só sob o ponto de vista physico,

elles contribuem pelo menos a dar aos rapazes agilidade e força. Tambem, desde meninos elles se habituam ao exercicio militar com armas apropriadas á sua estatura e ás suas forças, sob a direcção de homens de officio.

O periodo das ferias é bastante longo p'ra que possam se realizar as excursões ao campo. Os professores allemães empregam de ordinario as ferias p'ra viajar. Elles dizem que o seu methodo p'ra se manterem em boa saude, apesar da assiduidade em geral muito grande com que trabalham, consiste em mudarem de ar de tempos em tempos. Fazem essas excursões ás vezes a pé. Os estudantes, de seu lado, quando vém as férias, partem em grupos de dez, quinze, vinte, p'ra fazer explorações a pé nas montanhas e nas florestas. A hygiene escolar tem sido na Allemanha o objecto de numerosos estudos que os governos estão a pedir sempre aos homens competentes.

Aqui, no nosso pequeno centro academico e na phase a que me reporto — phase a um tempo de guerra e de poesia — os estudantes alistam-se nos batalhões de voluntarios, mas se exercitam tambem nos torneios da palavra; e esta ora é vehemente, ora suave; ora é um hymno, ora um madrigal.

E já por esse só aspecto se póde vêr como o espirito universitario allemão é bem differente do nosso. Assim, no que toca unicamen-

te a esse ponto o espirito do ensino e da educação publica na Allemanha é formar homens sadios e vigorosos, duros á fadigas; entre nós nunca foi esse o seu objectivo. E se fossemos a estender mais longe o nosso confronto, haviamos de ver, tambem sob outros pontos de vista, ainda outras differenças.

Não só por este unico aspecto já encarado, mas ainda pelo lado moral, religioso, politico, intellectual, haveria talvez muito que apreciar.

No seu aspecto moral, o que caracteriza a educação publica na Allemanha, é o cuidado de incutir nos moços o espirito de disciplina. E' o esforço de desenvolver nelles o sentimento da subordinação, a consciencia do respeito e da obediencia aos seus superiores. E aqui, como no mais, se tem menos em vista, segundo o systema dos allemães, a vida exterior que a vida interior. Faz-se pouco caso dos meios coercitivos que agem da parte de fóra. Quer-se que o homem traga a sua regra de comportamento em si mesmo e seja espontaneamente propenso ao seu dever. Procura-se agir sobre a vontade mais que sobre o proceder exterior. Nas universidades, são os rapazes mesmos que fazem a disciplina. Chegam ordinariamente alguns minutos antes do professor, conversam, e passeiam, ou fumam emquanto estão sós. Quando o professor entra, o silencio se faz immediatamente, e cada

um se dispõe a escrever. Nos cursos é muito raro que os estudantes applaudam; elles, porem, ouvem attentamente as prelecções e as estenographam, sem levantar a cabeça. Julgam pouco os seus mestres, e são antes mais inclinados a admiral-os que a denegril-os. Fóra da universidade, no seu genero de vida e nos seus entretenimentos, os estudantes têm, tambem, um respeito espontaneo pela regra.

***

A ausencia de uma disciplina criada espontaneamente pelos estudantes, e tambem de qualquer incentivo proprio a fazer nascer e crescer nelles o sentimento desse respeito pela regra, é o que faz, precisamente, distinguir neste ponto o ensino superior nosso do ensino allemão. Aqui os estudantes conservam, na Faculdade, o seu chapéo na cabeça e o seu cigarro na bocca, em presença do professor, não os tirando senão na hora das aulas ou por occasião dos exames. Muito poucos são os que prestam a devida attenção ao que expõe o mestre: um ou outro que lhe pede um esclarecimento ou toma no papel algumas notas. E' raro que façam tachygraphar as prelecções. Outr'ora elles tinham o costume de applaudir. Era no tempo do professor orador, de lente rhetorico, que exhibia eloquen-

cia explicando o programma. O tempo de Aprigio Guimarães, e, mais proximo de nós, de José Vicente Meira de Vasconcellos. Hoje, já nenhum professor se atreveria a fazer um discurso na sua cadeira. Tambem, nenhum recebe mais applausos no nosso tempo.

Na sua vida fóra da Faculdade os estudantes se comportam da mesma maneira, isto é, elles não mostram ter nenhum gosto pela disciplina. As suas relações com a policia nunca foram inteiramente pacificas. Em todos os tempos os estudantes, por varios motivos, estiveram algumas vezes em luta com os agentes da segurança publica. Phaelante refere uma dessas brigas, a qual se dera no Café da Imperatriz e seria uma consequencia dos torneios litterarios do Oiteiro, promovidos pela *Tugentbund*, na época em que esta sociedade funccionava na rua dos Prazeres. Um contingente de policiaes entrou ali de surpreza e distribuiu "pancadaria grossa", na occasião em que um poeta inflammado recitava no maior arrebatamento:

Do céo a semente desce,
Germina, rebenta e cresce...

"Anastacio Cabral, diz Phaelante, estudante honorario, contava que, subindo a uma cadeira e agitando no ar seu chapéo de castor, bradava contra os attentados em trópos de in-

dignação vermelha, até que tres ou quatro dos aggressores, interpellando-o com um intimativo —*que está dizendo, canalha?*— o obrigaram a responder no tom blandicioso do arrependimento: — *Não sei, disseram.*"

Quanto ao lado religioso o ensino na Allemanha é caracterisado pela conciliação do espirito conservador com o mais livre impulso da actividade scientifica. Os professores evitam com cuidado tudo o que poderia, abertamente prejudicar a religião tradicional. Permanecem fieis á linguagem e ás praticas consagradas, e afastam tanto quanto possivel das universidades os theologos e os philosophos que "vão muito longe". De outro lado, as doutrinas philosophicas e theologicas mais atrevidas são, todos sabem, sustentadas livremente na Allemanha.

Se nós considerarmos, agora, o ensino na Allemanha nas suas relações com a politica, veremos que elle é dado em um espirito conservador no que concerne á politica interna, em um certo espirito nacional mais ou menos modificado pela influencia prussiana, no que concerne á politica exterior. A missão que devem cumprir as universidades relativamente á politica interior é assim definida nos estatutos da universidade de Bonn, aos quaes os estatutos das outras universidades são, a este respeito, bem semelhantes: "O fim desta universidade é dar aos moços o cultivo moral

e religioso, as opiniões sãs, as tendencias conservadoras, os conhecimentos theoricos e praticos que lhes são necessarios p'ra exercer dignamente as funcções do Estado e da Igreja."

Não parece nada provavel que os professores allemães, celebres pela ousadia de suas doutrinas, se conformem com semelhantes prescripções. Todavia, é certo que elles sabem tirar de facto dos seus systemas methaphysicos — mesmo os mais subversivos — as consequencias politicas que são mais conformes á ordem publica.

Se nós fossemos, relativamente a influencia que exercem, sobre a opinião, os professores das universidades allemãs, quer em religião, quer em politica, fazer um cotejo com o que se observa nas nossas escolas superiores, veriamos como na Allemanha aquella influencia é mais poderosa, talvez mesmo um dos mais salientes phenomenos que a sua historia apresenta, ao passo que no Brasil, ao contrario, ella tem sido pouco consideravel, ou, pelo menos não tão clara como naquelle paiz. Todos os factos politicos e todas as grandes idéas religiosas têm partido, na Allemanha, da cadeira dos professores. Nenhum dos movimentos politicos que têm agitado a nação brasileira, derivou ainda do enthusiasmo de nossos cathedraticos. Isso absolutamente não importa em uma negação do alto valor de algumas intelligencias fortes,

que deixaram já assignalada a sua passagem pelos cursos. A importancia do professor allemão se prende a outras causas — causas diversas que me não cabe aqui analysar.

***

Nesse mesmo brilhante periodo da historia da nossa Academia dois professores já ahi se distinguem — Paula Baptista e Aprigio Guimarães, que teriam de ficar na tradição oral repetida ainda entre os estudantes como duas figuras lendarias.

O autor do "Compendio de Theoria e Pratica do Processo" era um dos mais cultos espiritos da geração saida de Olinda, e foi um dos maiores professores da Academia, no seu tempo. Sem duvida, o perfil que delle nos ficou, não seria marcado ao cunho de uma representação oriunda só da realidade e sim, tambem, da pura imaginação. A medalha nos faz ver ahi impressa a imagem de um superhomem, mas elle proprio não a teria desconhecido. Até onde não podem levar a fantasia e o orgulho?

Quem não teria ouvido dizer, na Academia do Recife, que o pequeno tratado de Hermeneutica Juridica de Paula Baptista, fôra vertido para o allemão e destinado, aos estudantes das universidades tedescas?

M. Bandeira

E todavia esses estudantes na época mesmo em que aqui preleccionava o nosso grande mestre, ouviam na sua terra os melhores professores: Gneist, um dos melhores oradores da camara prussiana e autor de varias obras classicas sobre a Constituição ingleza; Bruns e Rudorff, conhecidos por seus importantes trabalhos sobre o direito romano; Heffter o primeiro jurisconsulto da Allemanha em materia de direito das gentes; de Heltzendorff, um dos primeiros, e, posto que ainda joven, já notavel pela agudeza de suas criticas e o seu perfeito conhecimento das leis. Isso, para não falar senão da Universidade de Berlim e de sua Faculdade de Direito.

Assim, os estudantes das universidades allemãs não teriam talvez muito a aprender na obra do nosso antigo professor — obra, aliás, de grande valor e proveitoso estudo para os alumnos brasileiros. Mas não se iria por isso desfazer uma ingenua lenda; ninguem ousaria tirar uma só flor que fosse da corôa do mestre.

Paula Baptista possuia, de sua intelligencia e do seu saber, de suas qualidades de professor, como da efficiencia do seu ensino, uma noção talvez não exaggerada, ou antes: — verdadeira. Mas elle não a exprimia senão com uma certa emphase que lhe era peculiar. Ora, em confronto com os outros professores elle se proclamava a si mesmo o "Astro de primeira grandeza" da Academia: ora, se sup-

punha ver nos seus discipulos alguma desattenção, elle se lamentava por ter de viver a *deitar perolas a porcos*. Mas os estudantes não o deixavam de ouvir com a mais constante solicitude; e o admiravam cada vez mais. Não era elle, realmente, o "grande luzeiro" da Faculdade, e a sua expressão mais brilhante na cadeira dos lentes?

Conta Phaelante da Camara que quando conheceu Paula Baptista e o viu, pouco antes de ser elle aposentado, presidindo a banca do quinto anno — muito velho, tropego, e tresandando a rapé — já elle não era mais do que uma gloriosa ruina. Não era "nem a sombra do que fôra, nos lampejos da intelligencia em dias de outr'ora", escreve Phaelante. Despreoccupado com a sua roupa — uma sobrecasaca velha, os bolsos cheios de embrulhos — e indifferente ás considerações sociaes, ia fazer as suas compras e elle mesmo é que as levava: um dia o viram na rua sobraçando uma enorme melancia das Cucuranas. Doutra vez, era uma gallinha escolhida aos garajaus que elle trazia, segurando-a pelas azas, a pé e através das ruas da cidade.

Positivamente, o nosso velho mestre não tinha a intenção de imitar em nada esse pretambem era professor. Kant, com effeito, segundo diz um dos seus biographos, quando o tempo não era seguro e elle tinha de dar o seu

passeio regular ao longo de uma pequena aléa de tilias chamada hoje a *aléa do philosopho* — fazia-se acompanhar nesse passeio pelo seu criado: o criado lhe conduzia então um guarda-chuva.

Aprigio Guimarães era um outro typo de lente: uma figura assás interessante de professor — mixto de bohemia e cumprimento do dever — um tanto medieval e ao mesmo tempo o mais expressivo modelo de professor da actualidade, eloquente e sceptico, seguindo amoravelmente a tradição, mas livre sempre de poder tentar algumas reformas. Os seus discipulos o adoravam. Elle possuia realmente os dons com que podia ser e foi de facto, um idolo para a mocidade. Como os professores da idade media, recebia tambem em sua casa os rapazes, palestrava com elles e lhes contava anecdotas, fazia, emfim, vida commum com os estudantes, revivendo dessa maneira aquella solidariedade estreita, que irmanava antigamente alumnos e mestres e na qual residia a força mesma da vida universitaria do passado.

Engana-se o que tomar esse traço da physionomia de Aprigio, como um signal de respudio dos antigos costumes, ou uma iniciativa de novas praticas na vida da Academia. Elle não fazia senão reatar deste modo um dos innumeros e invisiveis fios da tradição, mais fortes do que se suppõe.

A constante communicação dos estudantes com os professores, nos cursos, ou fóra delles, é, mesmo, a expressão mais caracteristica da vida universitaria no outro tempo. Outr'ora, quando a séde das universidades era em cidades pequenas, os professores e os estudantes se achavam por força reunidos. Com o decorrer dos annos porem, certas universidades foram transportadas para grandes centros, ou as antigas cidades universitarias foram criadas em capitaes. Estas mudanças deram em resultado uma separação quasi completa dos professores e estudantes. Recife não era então, como ainda não o é actualmente, uma metropole assim tão vasta já, para que uma separação semelhante ahi devesse se produzir. Aprigio Guimarães continuava, pois, a entreter com os seus discipulos a velha camaradagem escolar que unira no passado alumnos e mestres; e isso explica no pequeno centro espiritual de nossa terra o culto que elle teve.

Simultaneamente, entretanto, o douto cathedratico de Economia Politica se abstinha de toda fiscalisação sobre os que seguiam seu curso, mesmo dentro da Faculdade. Elle tinha por principio que um professor não deve ser um tutor. Não tem outro dever a cumprir senão o de dar a sua aula e de dal-a o melhor possivel. Mas depois, que os estudantes sejam exactos ou applicados, isso é com elles. O professor, pensava, que quer exigir a assiduidade

ou a applicação não é mais um professor. Em razão mesmo das theorias liberaes o estudante deve ter o direito de tirar ou não o proveito das lições.

Nesse ponto, Aprigio Guimarães tinha já as mesmas idéas da maior parte dos professores actuaes. E era isso, precisamente, que lhe dava entre os seus collegas daquella época um certo ar de modernidade que escandalizava.

***

Aprigio fôra de facto o precursor de uma nova concepção no ensino das nossas escolas superiores. "Eu sou do ensino livre, dizia elle, mas tambem sou da força moral dos mestres, principio util não só á intelligencia mas ao coração dos discipulos."

E com esta phrase elle nos dava já por assim dizer, uma synthese do seu espirito. Espirito a um tempo liberal e justo.

M. Bandeira

O movimento philosophico iniciado por Tobias — O naturalismo applicado ao direito — O chamado pensamento novo — Differenças — Opposição ao "germanismo".

Em relação ao ponto de vista intellectual, poder-se-ia ver a differença entre o espirito das universidades allemãs e o espirito da nossa Academia, nesse movimento philosophico iniciado por Tobias Barreto, no anno de 82, ao fazer elle o celebre concurso em que obteve a nomeação de lente. Os que se têm referido a esse movimento, do qual foram figuras principaes entre os estudantes, Martins Junior, Fausto Cardoso, Gumercindo Bessa, Arthur Orlando, Alcedo Marrocos, Phaelante, Clovis, e entre os professores, José Hygino e João Vieira, costumam dizer que elle foi a grande revolução que transformou o ensino de direito no Brasil. Até ahi não haveria nada que dizer em contrario — o ensino real-

mente se modificou desde esse tempo; mas elles expendem a proposito dessa transmutação do ensino uma serie de considerações que me não parecem indiscutiveis.

Em primeiro logar é de ver o tom com que dissertam os doutrinadores desse movimento, o tom de scientismo, de absoluto desprezo por tudo o que lhes possa rescender a metaphysica ou tenha o mais leve sabor ainda das velhas idéas. Já Sylvio Romero dizia um pouco antes, na sua defesa de theses, que a metaphysica "estava morta". E' verdade que não escapou ali mesmo ao examinador perguntar-lhe: "E foi o senhor que a matou?" Quem lê Phaelante — um dos representantes typicos dessa phase a que elle chama "a idade do ouro", da Academia — tem a impressão de que elles é que eram os maiores metaphysicos. Não importa o entono da linguagem; nem a riqueza de conhecimentos, ou a somma de verdades de que se julgavam senhores.

***

E quaes eram essas verdades? Eram Darwin e Hæckel; somente isto: — o naturalismo applicado ao direito. Phaelante escreve:

"O darwinismo sentiu-se á vontade na congregação e nos bancos academicos. Pela primeira vez ouviu-se naquelle recinto: o Es-

tado é uma individualidade polymorphica, mudando de typo conforme as condições ethnicas, mesologicas, culturaes, ou segundo o tempo e a area geographica." E accrescenta: "Certo é que se os velhos representantes do espirito vesgo de seita comprimiam os narizes para não sentir o cheiro de enxofre daquellas theorias diabolicas; se o rancor de alguns discipulos de São Thomaz descobriu a mão do demonio naquella obra demolidora, em todo caso não se ouviu um protesto, nem o mais ligeiro signal de resistencia das forças reaccionarias no corpo docente."

Esse trecho é uma pequena amostra caracteristica da maneira de dizer — impregnada ao mesmo tempo de menosprezo e emphase — daquelles apostolos das "novas idéas" de que Tobias era o mestre. Essas "novas idéas" é que deveriam substituir no entender de todos elles as idéas antigas.

O systema de Darwin, entretanto, não era uma novidade; elle tivera os seus precursores. Sua historia si se tivesse de fazel-a, seria a historia mesma da philosophia da natureza no seculo 18. De Leibnitz a Hegel e a Darwin, passando por Diderot e Lamark, achar-se-ia sem duvida uma como corrente outr'ora ignorada, mas da qual, nos apparecem claramente agora a direcção principal e as sinuosidades variadas, não sendo difficil lhe determinar as fontes primeiras. Já em 1794,

quando Gœthe trabalha em um livro seu sobre a natureza, Erasmo Darwin publica o primeiro volume de sua *Zoonomia;* e ahi elle antecipa as theorias do seu neto. As hypotheses da sciencia contemporanea — queiram embora zombar das idéas metaphysicas os seus representantes — têm por primeira origem comtudo, idéas metaphysicas. Foram as formulas e as leis ideadas por um philosopho que fizeram nos espiritos essas agitações de onde sairam as theorias naturalistas de hoje, de onde certo havemos de ver sahir ainda outros systemas não sei se menos fallazes. A lei de continuidade reina, desde Leibnitz, no dominio das sciencias naturaes.

***

Era pela metaphysica darwiniana que se procurava substituir a que existia na Escola — esta que os reformadores chamavam o "espirito vesgo de seita", incompativel com o pensamento novo. Mas semelhante dogmatismo não passava de uma pura criação imaginaria, elle realmente não fôra nunca visto na Academia. Nella o que se divisava ainda, era o espirito de corporação. Este começou a enfraquecer com o movimento renovador de Tobias, e tambem com a reforma do ensino livre, até quasi se diluir neste ultimos annos

ao influxo ainda de outras causas — causas externas que o fizeram desapparecer tambem de varios centros universitarios da Europa.

Espirito de seita, sim, queriam ali implantar os vehementes doutrinarios do novo credo — o monismo darwiniano a maneira de Hæckel — pregado pelo imaginoso espirito do poeta sergipano. E digo do poeta, e não do philosopho, porque Tobias que foi ao mesmo tempo um ensaista, um critico, um jurista, um apaixonado de estudos philosophicos, não foi, ao meu ver, grande verdadeiramente senão como poeta; através de todas as manifestações de sua intelligencia é o genio poetico sempre que apparece, é a força idealisadora que predomina nellas.

Sente-se em toda a obra de Tobias o sopro impetuoso, o espirito imaginativo, a espontaneidade lyrica, e até o rythmo do antigo rival de Castro Alves na poesia candoreira. A tendencia poetica era nelle superior a todas as outras. Estava na raiz mesma do ser, ella fazia parte de sua *personalidade innata*: não podia ser modificada. E nisso eu estou de inteiro accordo com Sylvio Romero, com aquella sua opinião expressa no segundo volume da Historia da Litteratura Brasileira.

Divirjo, porem, desse nosso critico quando elle diz, no prefacio dos "Varios escriptos", que "a phase poetica de Tobias, com ter valor não tem a importancia e o alcance da pha-

se seguinte". Discordo delle neste ponto para não deixar de ser coherente com a minha maneira de ver.

Não era o ensino da nossa Academia influenciado por nenhuma preoccupação de ordem sectaria, dizia eu: e, realmente, se tal preoccupação existisse, a reacção seria immediata; teria havido protestos; não seria sem viva luta entre os representantes da antiga e os da crença moderna que esta substituiria áquella. Nada disso, porem, succedeu. Dos lentes, uns adheriram logo ao movimento; outros, olharam-no com sympathia: e nenhum delles recebeu com indignação as novas doutrinas.

O episodio com relação ao velho lente conselheiro Aguiar, narrado por Phaelante da Camara, na sua "Memoria Historica", é uma prova de que no corpo docente não havia aquella intolerancia, aquelle sectarismo a que por mais de uma vez se refere o autor da alludida Memoria e com elle caracteriza um dos periodos da vida intellectual da Academia. Aquelle incidente é em si um transumpto, uma miniatura suggestiva do espirito de liberdade alli dominante. Liberdade do alumno que não exclue a independencia do mestre. E nós não deviamos desejar outra coisa.

Mas a verdade é que nem a organização do nosso ensino superior, modelada até ha bem pouco tempo pela do ensino francez, nem

tambem a indole mesma do espirito brasileiro permittiriam a formação aqui desse espirito de systema, desse dogmatismo exaggerado, que se vê nascer e desenvolver nas universidades allemãs, com uma força tanto maior quanto as relações continuas do mestre com seus alumnos tornam sua influencia mais decisiva.

E aqui já se poderá ver a differença existente entre a nossa Faculdade e as faculdades allemãs, sob esse ponto de vista — differença que é profunda. O objectivo do ensino não é o mesmo. Nos allemães, uma paciente e seria elaboração é o seu objecto principal. Entre nós o fim mais visivel é a divulgação dos resultados. Aqui o nosso professor expõe perante um publico; na Allemanha elle trabalha cercado de alumnos e discipulos. Entretanto, se a organização allemã tem immensas e incontestaveis vantagens, é forçoso não desconhecer os abusos que ella póde engendrar. Veja-se o exemplo que disso nos dá a philosophia allemã no seculo 19. Ninguem ignora os estupendos erros da philosophia hegeliana e a influencia que as suas doutrinas subversivas exerceram por longo tempo. Não corremos seguramente os mesmos perigos. Bem raro os nossos cursos podem tornar-se uma escola; elles têm já a vantagem ao menos de não se tornar nunca uma seita.

***

Ainda outras differenças eu podia apontar, sob esse mesmo ponto de vista, entre o nosso ensino e o ensino universitario allemão; mas isso iria já um pouco além dos limites que deve ter um pequeno ensaio como este.

Assim, eu tornarei a dizer: com a revolução tendente a introduzir na nossa Faculdade as "idéas novas", o espirito de corporação é que ficou mortalmente ferido; não o de seita, que esse nunca alli existiu. Entre os professores, o ensino obedecia a uma só orientação; esta modificou-se. No corpo discente, dois grupos se formaram, um, que era composto dos partidarios de Tobias; e um outro, dos que lhe eram adversos.

Phaelante cita na sua "Memoria Historica" alguns nomes de estudantes que se oppunham a invasão do *germanismo*: Felinto Bastos, Pedro Vergne, Cyridião Durval, Cardoso de Castro, Adalberto Guimarães, Salles Barbosa.

A luta entre os dois partidos fôra terrivel. Era de um lado a "Folha do Norte", jornal fundado por Martins e Francisco Campello, o orgão dos que constituiam a vanguarda de Tobias; e do outro os adversarios deste, sustentando pela imprensa ou em folhetos a contenda com os demolidores. A opposição

não irrompia do professorado; não era uma reacção do absolutismo ou do dogmatismo das cathedras; partia dos alumnos. De modo que, nesse curioso movimento intellectual de 82, não era a orthodoxia dos velhos o motivo da luta: os velhos não offereciam resistencia. Era, porem, contra uma heterodoxia — intolerante e emphatica — de alguns novos, que se insurgiam os outros, por amor da sua liberdade. Estes não tinham querido em boa hora, assistir ao "baptismo triumphal do direito na corrente do monismo", como dizia Phaelante.

Da mocidade contemporanea desse movimento é que sairam os federalistas, os republicanos, os democratas, idealistas a que se podia dar propriamente o nome de "utopicos", segundo o conceito do sr. Oliveira Vianna. Não tinham esses jovens ideologos recebido na escola uma preparação pratica conveniente, e só assim se póde explicar o pequeno exito obtido na vida publica pela maior parte delles e os mais intelligentes daquella época. Certo, nem toda essa mocidade seria composta só de puros theoricos; ella deve ter dado tambem alguns idealistas positivos, praticos — alguns idealistas a maneira de Nabuco de Araujo, mas seriam excepções.

M. BANDEIRA

Clovis e Martins Junior — José Hygino — Agitação academica — Pardal Mallet e outros — O empallidecer da tradição.

Sobresaem nesse movimento intellectual de 82, entre os estudantes, Martins Junior e Clovis Bevilaqua. O primeiro — poeta, publicista, orador — e o mais brilhante e original espirito desse periodo; o segundo, a sua mais completa organização de jurista. Ambos se distinguem por uma mentalidade independente e uma orientação toda pessoal; e, se acceitam as novas doutrinas, a ellas não se escravizam. Martins é talvez mesmo antes um positivista que um monista; Clovis não tarda a se libertar das influencias germanicas. De um, nós iriamos ter a Historia do Direito Nacional; do outro, a realização do Codigo Civil Brasileiro.

***

José Hygino é nessa época uma das figuras mais notaveis do corpo docente da Faculdade. Tobias já o encontrou ali, abrindo caminho ás novas doutrinas, que iriam ter com o autor dos estudos allemães, uma repercussão maior dahi em deante. A prova escripta do concurso de Tobias foi, como se sabe, o desenvolvimento de uma these apresentada por José Hygino: "Conforma-se com os principios da sciencia social a doutrina dos direitos naturaes e originarios do homem?"

Alto, magro, o olhar longinquo através do *pince-nez* preso a uma fita, e na mão invariavelmente um livro, que elle estaria prompto a ler na primeira opportunidade, silencioso e concentrado, José Hygino dava a impressão de um homem a quem o mundo exterior seria indifferente, se lhe não fôra hostil. Ensimesmava-se afim de melhor pensar; e como elle se dava sempre a esse seu exercicio todo interior ninguem o lograria ver de rosto expansivo, o olhar mais proximo.

Hoje em dia, é costume, a quem escreve uma dezena de chronicas sobre os factos ou sobre a litteratura da vida corrente, e as enfeixa em um livro se dar a esse chronista o nome de pensador. Certo não se póde dizer de José Hygino que elle tivesse sido um pen-

sador no sentido actual desta palavra. Elle, porem, o era na accepção que tinha antigamente.

Nesse perfeito intellectual o exercicio do pensamento era o principio e o fim da vida, o mais a isso se subordinava.

José Hygino não fez jamais critica litteraria ou de costumes, e não publicou poesias nem romances. Os seus trabalhos ou são de historia — a historia patria em que se especializou, tendo apprendido o neerlandez e feito nos archivos de Haya proveitosas pesquizas — ou versam sobre estudos de direito.

A's pacientes e bem orientadas investigações desse nosso professor devemos a documentação opulenta que se possue, hoje, sobre a phase da dominação hollandeza no Brasil. Com os elementos por elle reunidos se poderia fazer, de toda nossa vida politica durante esse periodo, uma reconstituição talvez completa. E' um curioso edificio historico que está ainda por construir. Essa empreza, diz Clovis Bevilaqua, elle mesmo a poderia ter levado a effeito, se as circumstancias o permittissem e lhe não faltassem certas qualidades; José Hygino não possuia a imaginação que anima e vivifica, diz ainda aquelle escriptor.

Nada disso, me parece, tel-o-ia impedido de ser o autor de uma obra tão interessante e

para a qual já tinha elle os materiaes accumulados.

As condições externas não lhe eram desfavoraveis, e nem o tempo lhe teria faltado para essa construcção. Todavia elle não a realizou. Porque? Por causa da sua timidez, penso eu. José Hygino era um timido. Typo de timido intellectual, nelle, ao contrario do que se suppõe, era o excesso de imaginação oriundo de uma intensa vida interior, que lhe cohibia os impulsos da actividade pratica. No dominio propriamente juridico escreveu José Hygino, as "Licções de Direito Natural" e as "Licções de Direito Administrativo", que se destinavam especialmente aos seus alumnos da Faculdade. Só muito depois, quando já se achava jubilado, é que elle publicou a sua traducção do "Tratado de Direito Penal Allemão" de Franz von Lizt; ahi nos deixou elle a synthese das suas proprias idéas, esculpida em erudito prefacio.

Não escapou esse voluptuoso do pensamento puro, esse pensador de gabinete afeito aos estudos silenciosos e longos, esse timido alheiado do mundo exterior, ao temporal de uma controversia apaixonada que o teria feito soffrer immensamente. Foi a celebre polemica acerca das theorias de Lourenz Steins sobre o *self-governmant* que elle se viu forçado a sustentar, pela imprensa, com Tobias.

Numa intensa agitação viveram os academicos do Recife nesse periodo de 82 a 87. A escolha de um orador para representante da Academia em uma festa abolicionista, no anno de 82, deu lugar a um vivo movimento de que resultou a formação de dois partidos o partido de Martins Junior — então quarto annista — o candidato mais sympathizado na escola como fóra della; e o outro, chefiado pelo lente J. J. Seabra, que indicava para representar a Academia o estudante bahiano Filinto Bastos.

Travou-se uma verdadeira pugna eleitoral tumultuosa e apaixonada. Os amigos e admiradores de Martins, que eram em muito maior numero que os do candidato bahiano, preparam a sua campanha com as melhores possibilidades de exito. A cidade inteira interessou-se nessa luta. Até as senhoras vieram trazer tambem o seu prestigio — o prestigio feminino inspirador dos triumphos — e a peleja era tanto mais animada quanto o campo eleitoral se restringia á classe dos estudantes: era de um suffragio assás limitado que dependia a victoria. Esta, provavelmente, tel-a-ia alcançado Martins, se a eleição não houvesse sido perturbada pelos elementos da fracção seabrista de tal modo que nem a apuração se chegou a fazer.

***

Essa questão trouxe os estudantes de Recife divididos cerca de cinco annos ou mais. Martins, tendo-se formado em 83, continuou a ser o chefe do seu grupo. Os rapazes que iam entrando na Faculdade alistavam-se ora num, ora noutro partido. Pertenceram a essa geração, além dos nomes já indicados, Alfredo Pinto, Farias Britto, Luiz Domingues, Annibal Falcão, Anisio de Abreu, Germano Haslocher, Pardal Mallet.

Pardal Mallet chegou a ter uma grande voga nos meios litterarios do Recife. Os seus ensaios de critica, publicados nos jornaes, e cuja assignatura, antes de elle ser conhecido, se tomava por um pseudonymo, fizeram-lhe justa nomeada. Elle, realmente, dava a impressão de uma intelligencia aguda, viva; de possuir já uma feição propria — uma personalidade definida. Revelava-se um dos mais promissores espiritos desse "agrupamento de gigantes", segundo a expressão de Claudino Freire — hyperbole, aliás, natural em quem tambem fez parte daquella geração e viveu no mesmo ambiente.

Pardal Mallet era ainda orador impetuoso, rico de imaginação — orador bem á maneira do seu tempo. Um rhetorico e um saturado de romantismo.

***

Com a transmutação da nossa fórma de Estado, a Academia começou a empallidecer, a perder o seu antigo brilho. Ella deixou logo de ser um fóco de irradiação intellectual, um centro de idéas. O espirito de corporação desappareceu. Nos primeiros annos do novo regimen, ainda se podia ver ahi um resto de vida de estudante. A vivenda nas *republicas*, o traje distinctivo, as reuniões litterarias e dansantes, as serenatas, a rivalidade com os caixeiros, os discursos e os recitativos no theatro, as discussões nos cafés e nos corredores do antigo edificio do Pateo do Collegio, — isso poderiam ver ainda, se bem que em declinio já, os que cursaram a Academia nos immediatos annos seguintes á proclamação da Republica. Mantinha-se até essa época a tradição — embóra já bastante diminuida — do humor academico, dos repentes espirituosos, das replicas cheias de ironia e dos gracejos sem nenhuma offensa. As anecdotas que vou referir são uma prova de que se não havia esgotado ainda essa effervescente veia academica, outr'ora tão opulenta.

A' banca dos exames, um estudante intelligente, mas não sabendo nada do ponto sorteado na cadeira de finanças — imposto directo e imposto indirecto: o examinador faz-lhe a primeira pergunta:

—O senhor é partidario do imposto directo ou do imposto indirecto?

—Desejaria conhecer primeiramente a opinião da cadeira...

—Mas então sou eu quem está fazendo exame?!

—Não é isso — apressa-se em responder o examinando; porem, qualquer que seja a opinião do mestre eu quero contrarial-a.

E tendo então o lente que era o dr. Oliveira Fonseca, se declarado pelo imposto indirecto e feito uma dissertação brilhante para mostrar as vantagens superiores dessa fórma de contribuição, exclamou afinal: — "Viva o imposto indirecto" — chega a vez do estudante. Este que havia prestado a maior attenção ao discurso do mestre, começou:

—Eu sou pelo imposto directo.

E desenvolveu todas as razões que elle poude colher ali mesmo em favor dessa outra forma de imposto, tirando-as da argumentação em contrario produzida pelo lente da cadeira. E rematou egualmente com um — viva o imposto directo! — levantando-se logo em seguida sem dar margem a mais perguntas. Não era esse estudante em solerte espirituosidade inferior áquelle outro, seu antecessor, Gaspar de Drummond, sobrinho do dr. Antonio de Vasconcellos e Menezes Drummond, lente de Direito Civil. O joven Drummond, ameaçado pelo tio de reprovação no

fim do anno, por causa de suas diabruras e do seu caracter indocil, averbara o tio de suspeito p'ra fazer parte da sua banca examinadora. Surpreza geral e estupefacção do proprio dr. Drummond.

—Suspeito eu — seu tio — porque? — Interroga este.

—Por ser meu inimigo capital, respondeu-lhe Gaspar.

***

Vieram logo após o estabelecimento do governo republicano as novas reformas do ensino. Fundaram-se as Escolas Livres de Direito em varias cidades do norte e do sul do paiz. A matricula de alumnos não tardou assim a baixar. Tambem é verdade que para as outras carreiras — para a engenharia, a medicina, o commercio, a agricultura — iam sendo mais especialmente attraidas as novas gerações. O pouco que ainda restava no começo da Republica, como uma tradição sobreviva, mas em evidente preagonia, da vida de estudante dos outros tempos, desappareceu afinal. As novas gerações passaram a ter uma maneira de viver inteiramente differente da que tinham as gerações que as haviam precedido. O estudante nos nossos dias é empregado do com-

mercio; é reporter; é funccionario publico. Não traja a sobrecasaca; veste um fato de linho. Elle possue o que se chama hoje, e o é realmente, uma qualidade toda moderna — o senso pratico. Perdeu a alegria, a graça, a espontaneidade, a originalidade.

A mocidade contemporanea se diverte com gravidade *"et elle fait des folies raisonnables"*, dizia não ha muito tempo um escriptor; e elle alludia assim á igual transformação observada na França, e em outros paizes da Europa, com relação a vida do estudante. Foram-se na verdade aquelles bons tempos das dissipações joviaes; ella é agora reflectida, sobria, sisuda. Uma concepção mais realista, mais pratica, da vida lhe veio refrear a indisciplina, a bohemia, a exuberancia e isso mostra já a differença que ha entre as gerações novas e as suas antecessoras. Hoje, os nossos estudantes já se não apaixonam pelos movimentos litterarios ou philosophicos — por essas justas intellectuaes que eram outr'ora ainda o seu maior entretenimento. O jogo puro das idéas não lhes suscita mais nenhuma emoção ou enthusiasmo. As tendencias são outras e outros tambem, os horizontes: um cargo a occupar; uma funcção a exercer. Aqui, elles viram a sua Academia mudar-se nesses ultimos annos para um palacio, — o vasto e quasi deserto palacio da rua do Ria-

chuelo: o grande sino do relogio enche-o agora de sons luminosos. Mudaram tambem com o tempo e as leis, os mestres, as aulas, as cadeiras... Tudo mudou. Ora o espirito não podia ficar o mesmo.

INDICE

PGS.

Centenario da Academia—A memoria do Prof. Phaelante da Camara — As tradições— Uma nova Coimbra—As "republicas". 7

O espirito de corporação em Olinda — O espirito das Universidades — A Universidade de Paris — A de Oxford — As Universidades italianas — As das pequenas cidades allemães. —As Universidades hespanholas—Coimbra. . . . 15

O sentimento religioso — O jornalismo academico — Lourenço Ribeiro e a Constituição — O estudo juridico na Academia de Olinda — Idealismo organico. 25

Os puros idealistas — Feição religiosa — A "Tugentbund" pernambucana — A Escola do Recife — Funcções theatraes — Serenatas ao luar. 37

Ausencia de cultura physica — Disciplina sem regra — Paula Baptista e Aprigio Guimarães. 57

O movimento philosophico iniciado por Tobias—O naturalismo applicado ao direito—O chamado pensamento novo — Differenças—Opposição ao "germanismo" 71

PGS.

Clovis e Martins Junior—José Hygino—
Agitação academica—Pardal Mallet e outros—
O empallidecer da tradição. 81

INDICE DAS GRAVURAS

1.°—Uma serenata em Olinda

2.°—Mosteiro de S. Bento

3.°—Paula Baptista

4.°—Aprigio Guimarães

5.°—Tobias Barreto

6.° José Hygino

Impresso em off-set nas oficinas gráficas da Editora Universitária da Universidade Federal de Pernambuco

Editora
Universitária